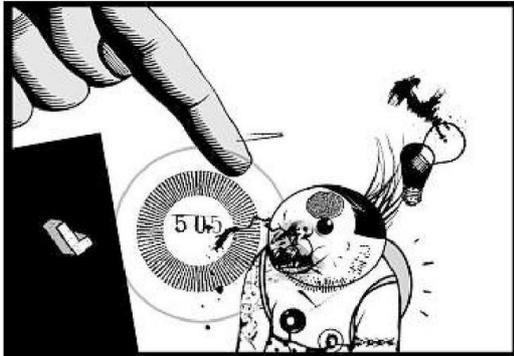


JOSÉ CASTELLO



Cavalcante



Gregório na janela

Nunca acreditei nos leitores metódicos: livros me desviavam, sempre, para outros livros. Interrompi, por exemplo, a leitura de "A partir de amanhã eu juro que a vida vai ser agora" (7 Letras), livro de estreia do poeta carioca Gregório Duvivier, de 22 anos, para buscar uma ideia de Rainer Maria Rilke, o poeta austríaco nascido em 1875. Eu a encontro nas "Cartas a um jovem poeta", dedicadas a outro jovem escritor, Franz Kappus. "Uma coisa só é necessária: a solidão, a grande solidão interior. Caminhar em si próprio e, durante horas, não encontrar ninguém — é a isto que é preciso chegar".

Sai em busca do pensamento de Rilke porque, em "A partir de amanhã...", o jovem Gregório (eu podia imitar Rilke, que se refere sempre ao Sr. Kappus, e chamá-lo de Sr. Duvivier, mas isso é bastante ridículo) parece desmentir-lo. Os versos de Gregório Duvivier estão entalhados de mulheres bem vivas (Manuela, Clarice, Ana, Catharina, Alice...). E referências diretas ao contemporâneo, de citações da vida cotidiana. São arcaicas carregadas do presente.

Mas será que Gregório abdicou da solidão? Será, mesmo, a solidão algo que um poeta escolhe? Não tenho dúvidas de que a literatura é um voltar-se para dentro — e por isso escritores, às vezes, são tão estranhos. Penso na solidão rubigena de Bernardo Carvalho, que quase nunca está disponível para nada, ou para ninguém, e vive trancado em seu apartamento em Higienópolis, a escrever e escrever. Em João Gilberto Noll circuleiro, ardido e quase invisível, pelas ruas de Porto Alegre, numa espécie de esquizofrenia planejada, grande máscara dentro da qual se aferra a si. Em Manoel de Barros, entre os bois de sua fazenda no Pan-

anal, sempre desconfiado das cidades e dos visitantes. Em Adélia Prado, enfiada nas sacristias de Divinópolis, ou recolhida em sua cozinha.

Contudo, não existe medida para aferir a solidão: o salto para dentro é sempre singular. Então, por que Gregório, que tem 22 anos, não pode escrever cercado de belas meninas, refestelado nas mesas de bares, nos decks de piscinas, de corpo inteiro no presente? É claro que pode. E é dessa solidão acompanhada que ele, sem temer a agitação da vida, tira seus versos. Há algo de muito instável na poesia. A literatura é uma luta, que se agita e agita, sem jamais fazer um vencedor. Tanto que Rilke sugere ao jovem Kappus: "Esforce-se para amar as suas próprias dúvidas como se cada uma delas fosse um quarto fechado, um livro escrito, uma língua estrangeira". E diz mais: "Trata-se, precisamente, de viver tudo". Pergunto: que outra coisa faz Gregório?

O combate com a vida — o desejo ardente de ter tudo — sustenta seus poemas. Mas em um mundo inconsistente, porém, as chaves são sempre imprestáveis. Descobre Gregório que, muitas vezes, as coisas se revelam mais pela negação do que pela afirmação. Você está diante de um bicho desconhecido e quer saber se ele é um dalmata. O poeta sugere em um de seus belos poemas: "Dê grama ao bicho. Se ele rejeitar, é dalmata. Se comer (e mugir) é uma vaca que tens".

Em um mundo escuro, não de ausências, mas de presenças excessivas, só através do que não é, muitas vezes, chegamos ao que é. Função da literatura:

desprezar as certezas e inventar caminhos que sustentem o real. Que o revelem? Não: que o amparem. Também as janelas, Gregório nos lembra em outro soneto (sim, ele escreve sonetos, desconhecendo a ilusão do tempo), não existem. "As janelas sobre nada/são também nada e não são sequer vistas". No entanto, precisamos de janelas para nos debruçar. De janelas sólidas, que emoldurem o mundo, ou ele deixa de existir.

A poesia (a fala), Gregório nos diz ainda, não retém a grandeza do mundo. "A boca treme sob o céu", ele diz. "Palavras ditas e reditas/ até perderem a sombra de sentido". Depois, fica só o firmamento "a encharcar nossos pés". Aquele resto que é o ser. Inquieta-me a ideia do sentido não como algo que desvela e esclarece, mas como uma sombra que oculta e engana. Em nosso mundo das mensagens publicitárias, das lições de "como fazer" e das instruções de voo, as palavras, de fato, deixam de ser janelas para se transformarem em cortinas. Elas formam, hoje, a grande cerração que fecha o acesso aos objetos. Só a poesia, palavra que destrava a palavra e que agita a língua, pode descerrar algumas fendas.

Os poemas de Gregório Duvivier trabalham a literatura como um combustível, que arde, e por isso potencializa. Muitos deles são "de amor", mas aqui me voltam as palavras de Rilke ao jovem Kappus: "O amor é a ocasião de nos tornarmos um mundo para ser amado". Poemas de amor, como Gregório os pratica, não são belas palavras para seduzir a amada, mas facas que destroam o mundo de quem ama. O amor é como o aplauso que (ao contrário do que diz o bom senso) não precisa de um objeto. Mais que expressar uma admiração, o aplauso desenha a face daquele que admira. Escreve Gregório, com sabedoria: "Quanto a gostar ou não gostar do objeto/ aplaudido, confesso: pouco importa".

Em sua apresentação de "A partir de amanhã eu juro que vai ser agora", o poeta Paulo Henriques Britto destaca o humor que percorre os versos de Gregório Duvivier. Creio que Britto (um poeta que estou sempre a ler) se deixa ofuscar um pouco pelas sombras da realidade, já que Gregório é, também, um bem-sucedido comediante. Prefiro, ao contrário, pensar na tristeza que percorre os poemas do livro.

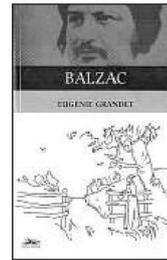
No meio da vida, ele relata, os astecas sentiam "uma súbita e inexplicável vontade de tomar um trem". Mas, como os trens ainda não existiam, a tristeza aumentava. Gregório conclui que a tristeza não é a ausência disso ou daquilo, que também a tristeza não tem um objeto.

Ela é "essa vontade de algo que ainda não inventaram". Mesmo objeto inexistente que, justamente porque não existe, sacode o espírito dos poetas e confirma a urgência da invenção. Ausência que nos faz sofrer e que nos horroriza? Retorno a Rilke: "Todas as coisas aterradoras não são mais, talvez, do que coisas indefesas que esperam que as socorramos". Eu diria assim: que esperam que as inventemos.

Email para a coluna: josecastello@gmail.com

Os poemas de Gregório Duvivier trabalham a literatura como um combustível

LANÇAMENTOS

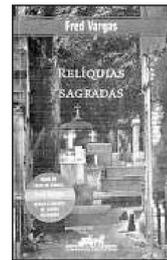
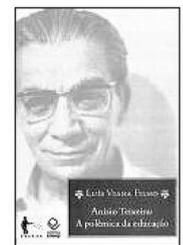


Eugénie Grandet, de Honoré de Balzac. Tradução de Marina Appenzeller • Editora Estação Liberdade, 264 páginas • R\$ 39

• Publicado em 1833, "Eugénie Grandet" é considerado um dos principais livros entre os muitos que integram a Comédia Humana de Balzac. Nele, o escritor francês lança um olhar crítico sobre a pequenoburguesia de sua época, a partir da história da paixão da rica mas provinciana Eugénie por seu primo Charles. Esta edição tem prefácio do musicólogo e crítico literário Pierre Citron.

Anísio Teixeira: a polêmica da educação, de Luís Viana Filho • Editora Unesp/EdUFBA, 242 páginas • R\$ 38

• Autor de biografias sobre o Barão do Rio Branco, José de Alencar e Eça de Queirós, Luís Viana Filho traça neste livro um detalhado perfil do educador baiano Anísio Teixeira. Reformador dos sistemas educacionais da Bahia e do Rio de Janeiro, Teixeira foi o primeiro a traduzir John Dewey no Brasil e é considerado um dos principais nomes do pensamento pedagógico brasileiro.



Relíquias sagradas, de Fred Vargas. Tradução de Dorothée de Bruchard • Editora Companhia das Letras, 408 páginas • R\$ 48,50

• Mais famoso personagem da escritora francesa Fred Vargas, autora de livros policiais que já venderam 6 milhões de exemplares ao redor do mundo, o delegado Adamsberg se vê às vésperas neste livro como o fantasma de uma freira, que assombra a casa para onde ele acabou de se mudar. Além dos percalços sobrenaturais, ele enfrenta problemas no trabalho.

Mussolini e a ascensão do fascismo, de Donald Sassoon. Tradução de Clóvis Marques • Editora Agir, 200 páginas • R\$ 34,90

• Professor de História Comparada da Europa na Universidade de Londres, Sassoon examina nesta obra a chegada de Benito Mussolini ao poder na Itália, após a Primeira Guerra. Analisando o contexto social da época e reconstituindo as escaramuças políticas de Mussolini com os adversários, o historiador mostra como se expandiu o fascismo que levaria a Itália a integrar o Eixo na Segunda Guerra.



(NÃO-FICÇÃO)|(NÃO-FICÇÃO)|(NÃO-FICÇÃO)

O jornalismo que venceu a ditadura

Livro recupera reportagem sobre sequestro coordenado pela Operação Condor

Operação Condor — O sequestro dos uruguaios. Uma reportagem dos tempos de ditadura. de Luiz Cláudio Cunha. L&PM Editores, 463 páginas. R\$ 49

Paulo Cezar Guimarães

Em novembro de 1978, em Porto Alegre, dois jornalistas descobriram algo que não deveriam ter descoberto — ou, mais exatamente, descobriram algo que não estava previsto que descobrissem: o sequestro dos militantes de esquerda uruguaios Lílian Celiberti de Casariego e Universindo Rodríguez Díaz, e de seus filhos Camilo e Francesca. A partir daí, o repórter Luiz Cláudio Cunha e o fotógrafo J. B. Scalco fizeram o que fazem os melhores profissionais deste ofício: foram atrás de sua notícia.

cios de "Operação Condor — O sequestro dos uruguaios: uma reportagem dos tempos da ditadura", misturado com os diálogos das primeiras 400 e tantas páginas do livro, já deixa claro que o leitor vai ler sobre uma grande reportagem nesses tempos de poucas reportagens.

No outro prefácio, Juca Klouff avisa que o leitor lerá "uma obra-prima" e uma lembrança de um tempo que faz parte do "lixo da humanidade". "Os personagens são um casal de uruguaios adultos, um casal de crianças uruguaias, uma dupla de policiais brasileiros, um casal de repórteres com homens armados no apartamento da rua Botafogo, em Porto Alegre, uma semana antes: "Onde estarão?". Terminou no reconhecimento da edição de 30 de julho de 1980, que trazia a corajosa decisão do juiz Moacir Danilo Rodrigues condenando pela primeira vez no país agentes do intocável mecanismo de repressão armado pela ditadura de 1964: "Verdade resgatada".



A reportagem ganhou os principais prêmios de Jornalismo do país em 1979: Esso, Vladimir Herzog, Talca e

da repressão. Não existiam câmeras ocultas. Dois dos três fotógrafos decisivos na investigação e apuração da matéria (J. B. Scalco, Olívio Lamas e Ricardo Chaves, o Kadão) não deram um só clique em suas máquinas.

A Operação Condor é considerada a mais articulada e mais ampla manifestação de terrorismo de Estado na história mundial. Seis países participaram dela: Chile, Argentina, Paraguai, Bolívia, Uruguai e Brasil. O Condor é uma ave que se alimenta de carne podre e que tem olho e furo para cadáveres. Há divergências sobre o número de vítimas da Condor no Cone Sul, mas uma das contabilidades mais precisas estima que o número de mortos e desaparecidos chegaria a 13.960 pessoas. Graças a dois jornalistas que vi-



Filosofia medieval, de Anthony Kenny. Tradução de Edson Bini • Edições Loyola, 392 páginas • R\$ 55

• Segundo volume da coleção "Uma nova história da filosofia ocidental", este livro parte da conversão de Santo Agostinho e segue os principais momentos do pensamento medieval, até a teologia.

O caminho de Nostradamus, de Dominique e Jérôme Nabécourt. Tradução de Vera Lucia dos Reis • Editora Sina de Letras, 416 páginas • R\$ 49,90

• Combinação de pesquisa histórica e imaginação, este romance narra a vida do ocultista francês Michel de Nostredame, hoje mais conhecido como Nostradamus. Vivendo na França do século XVI, Nostradamus trabalhou como perfumista e circulou pelas altas rodas da Paris de então, mas suas profecias incomodavam os religiosos.



do. foram saber o que, precisamente, estava acontecendo, quem estava envolvido, onde começava o fio da meada, como ele se desenrolava e por que aquilo tudo tinha acontecido.

O resultado foi uma empolgante sequência de reportagens publicada na revista "Veja". O texto de José Roberto Guzzo, um dos autores dos dois prefá-

sem-número de políticos e militares covardemente cúmplices de um enredo que não se sustentava em pé", resume.

A história do sequestro de Lílian Celiberti e Universindo Díaz se estendeu durante 86 edições de "Veja". Começou com uma pergunta feita em novembro de 1978, após o relato

zug, resp e Abril. "É da época pré-digital, em que os jornalistas não dispunham de celular, computador, correio eletrônico, laptop, internet, Google, Wikipédia...", lembra o autor do livro. Grampo telefônico, tão comum nos dias de hoje, era uma "façanha tecnológica" de alcance exclusivo

ram algo que não deveriam ter visto e que fizeram o que fazem os melhores profissionais deste ofício, Lílian e Universindo não estão entre elas. Eles foram encontrados no Uruguai, em poder das Forças Armadas, e lá julgados e absolvidos. ■

PAULO CEZAR GUMARÃES é jornalista e professor da FACHA

ate o início do Renascimento. Complementando a narrativa cronológica, uma discussão dos principais temas e autores da filosofia da época, como Tomás de Aquino, Averróis e William de Ockham.

